

Café com Agroecologia: integrando conhecimentos

Paulo Prates Júnior¹, Adalgisa de Jesus Pereira², Felipe Carvalho Santana³, Lidianne Figueiredo Santos⁴, Davi Lopes Carmo⁵, Silvia Eloiza Priore⁶, Vicente Wagner Dias Casali⁷

Resumo: *A Agroecologia é uma ciência que dialoga com diferentes áreas de conhecimentos via metodologias participativas. Em contexto de troca de saberes surgiu o "Café com Agroecologia", promovido pelo Programa de Pós-graduação em Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa, com encontros mensais. Agregam estudantes do ensino fundamental e médio, graduação e pós-graduação, professores, técnicos, produtores rurais e demais interessados pela Agroecologia. O encontro normalmente é iniciado pela fala do facilitador/palestrante sobre o tema a ser discutido. Em seguida, são promovidos posicionamentos e questionamentos que, comumente, são direcionados ao facilitador. O espaço é aberto à troca, preparo e degustação de alimentos e bebidas diversas, visando valorizar a socioagrobiodiversidade e a confraternização entre os participantes. O artigo visa propor reflexões sobre a popularização da Agroecologia, como também divulgar, compreender e compartilhar o funcionamento das vivências ocorridas nos encontros.*

Palavras-chave: *Extensão Universitária. Agricultura Familiar. Sustentabilidade. Educação.*

Área Temática: *Educação. Teorias. Metodologias em extensão.*

Coffee with Agroecology: integrating knowledge

Abstract: *Agroecology is a science that dialogues with different knowledge through participatory actions and methodologies. In the context of knowledge exchange, "Coffee with Agroecology", promoted by the Agroecology Graduate Program of Universidade Federal de Viçosa, with monthly meetings that bring together people from elementary and middle school students, undergraduate and graduate students, teachers, technicians, farmers and others interested in Agroecology. The meeting is initiated by the facilitator speech on the topic to be discussed. Then, placements and questions are promoted for directed to the facilitator. The space is open to the exchange, preparation and tasting of diverse foods and beverages, aiming to value the sociobiodiversity and atmosphere of fraternization among the participants. The theoretical essay aims to propose reflections on the popularization of Agroecology, disseminate, understand and share the workings of the experiences occurred at meetings.*

Keywords: *University Extension. Family Farming. Sustainability. Education.*

Café con Agroecología: integrar los conocimientos

Resumen: *La Agroecología es una ciencia que dialoga con diferentes áreas de conocimiento vía metodologías participativas. En el contexto de intercambio de saberes, surgió, el "Café con Agroecología", promovido por el Programa de Postgrado en Agroecología de la Universidad Federal de Viçosa, con encuentros mensuales. Incluyen a estudiantes de educación primaria, secundaria, nivel superior y postgrado, profesores, técnicos,*

¹²¹ Doutoranda em Fitotecnia pela Universidade Federal de Viçosa. Endereço: Rua Francisco Lopes de Almeida, 575, Viçosa-MG; Telefone: (31)9945-8163; Email: adalgisa.pereira@gmail.com.

¹ Doutorando em Microbiologia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa.

³ Doutorando em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa.

⁴ Doutoranda em Biotecnologia Vegetal, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

⁵ Pós-doutorando em Agroecologia pela Universidade Federal de Viçosa.

⁶ Professora Dep. Nutrição e Saúde pela Universidade Federal de Viçosa.

⁷ Professor Dep. Fitotecnia pela Universidade Federal de Viçosa.

produtores rurales y demás. El encuentro es iniciado por el habla del facilitador y/o ponente sobre el tema a ser discutido. Posteriormente, se promueven opiniones y cuestionamientos que se dirigen al facilitador. El espacio está abierto al intercambio, preparación y degustación de alimentos y bebidas diversas, buscando valorizar la socioagrobiodiversidad y la confraternización entre los participantes. El artículo busca proponer reflexiones sobre la popularización de la Agroecología, como también divulgar, comprender y compartir el funcionamiento de las vivencias ocurridas en los encuentros.

Palabras clave: *Extensión universitaria, agricultura familiar, sostenibilidad, educación.*

Introdução

Existe uma crise ambiental crescente que gera dicotomia entre sociedade e natureza (ROCHA et al., 2013) no modelo agroalimentar hegemônico e excludente, baseado no agronegócio e degradação dos recursos naturais, com excedentes na produção de alimentos, mas com pobreza e fome em nível mundial (MAZOYER e ROUDART, 2010). A Agroecologia é um campo de conhecimento científico que apresenta enfoques das ciências naturais e sociais e surgiu como alternativa aos problemas dos sistemas de produção e consumo de alimentos, valorizando, também, o conhecimento popular (PRATES JÚNIOR et al., 2016). Assim, deve construir atos pedagógicos que problematizem questões socioambientais (SANTOS e CHALUB-MARTINS, 2012), estratégias políticas e éticas que precisam ser discutidas e transformadas em ações.

Os espaços acadêmicos representam instâncias sociais privilegiadas de geração e divulgação de conhecimentos. Podem ser potencializados quando associados ao conhecimento e ações populares, processos participativos e construções coletivas, com estímulos a diversidade sociocultural e política, objetivando a construção da autonomia intelectual. Neste caso, a pedagogia de Paulo Freire (FREIRE, 1982; 1985) é influência teórica importante, que favorece saberes a partir de reflexões e descobertas da realidade dos sujeitos, para viabilizar transformações e intercompreensões de diferentes questões de natureza científica, tecnológica e social.

A aproximação de grupos e/ou pessoas, de modo a favorecer a construção de diálogos no contexto da Agroecologia, contribui com o processo participativo e com a construção coletiva de conhecimento (BARBOSA et al., 2013). Desse modo, é importante somar esforços e construir espaços que possibilitem conhecer pessoas, socializar projetos e ações, além de incentivar os sinergismos, tais como a busca pela sustentabilidade, transversalidade, aspectos éticos, processos participativos, dentre outros.

Nesse contexto, surgiu o “Café com Agroecologia” da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Espaço inicialmente proposto e construído por egressos, estudantes e professores do programa de Pós-Graduação em Agroecologia da UFV (PPG-Agroecologia), com a perspectiva de troca de experiências em ambiente estimulante, criativo e produtivo. Visa interligar e discutir aspectos de produção, soberania, segurança e educação alimentar e nutricional, comercialização, geração de renda e valorização cultural, histórica e simbólica dos alimentos.

O objetivo deste artigo é fomentar reflexões teóricas e práticas ponderadas pelos participantes, bem como compartilhar a construção do “Café com Agroecologia”, cujo propósito é contribuir para a divulgação e popularização da Agroecologia por meio de falas, propostas e ações expressas pelos facilitadores e demais participantes, os quais têm diversas formações acadêmicas e percepções pessoais a respeito da Agroecologia e temas afins.

Histórico da construção do café com agroecologia

O PPG-Agroecologia teve início no II semestre de 2011, agregando competências e corpo docente dos Departamentos de Solos, Fitotecnia, Nutrição e Saúde e Zootecnia. Como um programa interdepartamental estabeleceu marcante contraponto, em nível de pós-graduação, à excessiva compartimentalização do conhecimento acadêmico. O histórico de atividades ligadas a Agroecologia na UFV nos referidos departamentos remonta, pelo menos, desde o ano de 1987, a partir de parcerias com entidades da sociedade civil (ONGS, cooperativas e sindicatos) e instituições públicas de pesquisa e assistência técnica.

Contudo, existem dificuldades institucionais e metodológicas em termos de construção e permanência de espaços interdisciplinares. Não havia no contexto do PPG-Agroecologia um espaço periódico, com força reflexiva e/ou pedagógica, objetivando promover, integrar e valorizar os saberes

acadêmicos e não acadêmicos, em espaço agradável, multicultural, com estímulo a produção e consumo de alimentos saudáveis e socioambientalmente mais sustentáveis e justos.

Diante dessa carência, com a intenção de ampliar, formalizar e institucionalizar discussões e questionamentos entre estudantes e professores do PPG-Agroecologia, profissionais, agricultores, consumidores e demais interessados, sobretudo, em momentos de descontração e confraternização, foi idealizado o “Café com Agroecologia”, em dezembro de 2014. O “Café com Agroecologia” busca integrar, inspirar e motivar grupos e pessoas na soma de esforços direcionados a construção da Agroecologia em seus diferentes significados (PRATES JÚNIOR et al., 2016), contribuindo como espaço catalisador de atividades de ensino, pesquisa e extensão com base nos princípios da Agroecologia.

Torna-se importante ressaltar a necessidade de organizar espaços para conversas mais simples e informais sobre temas relevantes para a sociedade. Com essa perspectiva surgiu os “Cafés Filosóficos”, inicialmente em 1992, na histórica Praça da Bastilha de Paris na França (de PAULA & LARA, 2014) e, posteriormente, os “Cafés Científicos”, em 1998 na cidade de Leeds na Inglaterra (GRAN, 2014), ambas as propostas se espalharam por várias cidades e países. O projeto “Café com Agroecologia” surgiu inspirado em atividades de extensão e/ou popularização da ciência, tais como:

- a) Café Científico Salvador, organizado pelo Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (Universidade Federal da Bahia - UFBA, e Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS) em parceria com a LDM - Livraria Multicampi, que ocorre mensalmente desde setembro de 2006 (CAFÉ CIENTÍFICO SSA, 2016);
- b) Troca de Saberes, organizada entre o Programa Teia, a Assessoria de Movimentos Sociais da UFV, o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM), a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e movimentos sociais e culturais da região, a exemplo do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Escolas Famílias Agrícolas (EFA) e Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR), a qual ocorre desde 2009 durante a Semana do Fazendeiro da UFV (BARBOSA et al., 2013);
- c) Café Filosófico, um projeto de extensão apoiado pela UFV, organizado por professores e estudantes do Departamento de Ciências Sociais para a construção de debates abertos aos agentes de dentro e fora da UFV (CAFÉ FILOSÓFICO, 2016);
- d) Seminários Novos e Velhos Saberes, que ocorrem há mais de 13 anos no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, do qual participam os programas de pós-graduação em Diversidade Animal, Ecologia e Biomonitoramento, Genética e Biodiversidade e o mestrado profissional em Ecologia Aplicada à Gestão Ambiental (NOVOS E VELHOS SABERES, 2016).

O “Café com Agroecologia” tem contribuído para a divulgação e maior entendimento da Agroecologia. Nos encontros há heterogeneidade de formação dos participantes e o construto, teórico e metodológico, inclui pensamentos científicos, atividades práticas e ações sociais que possibilitam a inspiração de outros grupos e pessoas. O “Café com Agroecologia-UFV” colaborou para a construção do “Café com Agroecologia” da Universidade Federal de Alagoas - UFAL (ASCOM UFAL, 2016) e motivou a organização do Núcleo de Estudos em Microbiologia Agrícola (NEMA) do Departamento de Microbiologia da UFV, iniciativas de estudantes de graduação e/ou pós-graduação desenvolvidas com a perspectiva de integração de pessoas, divulgação de soma para ações de ensino, pesquisa e extensão.

Metodologia

O “Café com Agroecologia” é promovido como Projeto de Extensão, de forma gratuita e sem necessidade de inscrição prévia, sendo aberto a todos que se interessam pelo tema discutido. O encontro normalmente é iniciado com a fala de um facilitador/palestrante sobre o tema a ser discutido (cerca de 20 min). A dinâmica do evento permite não apenas que os participantes ouçam as experiências do facilitador/palestrante, mas, também, que sejam atores no processo de debate e troca de experiências. Os temas trazidos ao diálogo são diversos e o público é bastante heterogêneo, abrangendo estudantes de graduação e de pós-graduação, professores e comunidade não acadêmica. A divulgação ocorre na página oficial do PPG-Agroecologia (MESTRADO EM AGROECOLOGIA UFV, 2016), e-mail institucional da UFV e na rede social Facebook, dentre outros, como: cartazes no Campus e convites pessoais.

A realização do encontro envolve planejamento mensal pela Comissão Organizadora do projeto, composta por cerca de 15 membros, professores, pós-graduandos e egressos do PPG-Agroecologia. As metodologias utilizadas nos encontros são baseadas na educação formal e não formal, com espaço aberto a problematização de questões (GOHN, 2006) do cotidiano acadêmico ou de grupos e indivíduos, bem como a pedagogia de Paulo Freire (FREIRE, 1982; 1985), pois os temas propostos são relacionados a necessidades e desafios vivenciados por aqueles que estudam e trabalham no domínio da Agroecologia. Além disso, é reconhecida a simetria entre o conhecimento acadêmico/científico e o produzido pelas pessoas no contexto da prática, com estímulo ao diálogo entre os pares acadêmicos e destes com outros setores sociais (ROCHA et al., 2013) de modo que permite o rico intercâmbio entre grupos de pesquisa, ensino e extensão e participação dos envolvidos com o movimento agroecológico na região de Viçosa (p.ex. BARBOSA et al., 2013).

As compras e produtos socializados durante o encontro, por exemplo, broa de milho, bolos, café, chás, mandioca, pão de queijo, sucos, biscoitos e frutas são comumente obtidos diretamente de agricultores familiares envolvidos com a construção da Agroecologia na região de Viçosa ou preparados e socializados entre os participantes. Desse modo é possível interligar aspectos da segurança alimentar e nutricional, geração de renda para os agricultores familiares, valorização da cultura e saberes tradicionais na produção de alimentos. Constitui esforço de reflexão sobre a necessidade de consumo consciente, aliada a percepção da função da identidade e afeto possível com os alimentos e, assim, reconhecer e fortalecer as especificidades culturais e o direito à alimentação adequada e saudável. Durante todo o tempo do evento os participantes têm acesso à mesa com alimentos e bebidas, contribuindo para a informalidade das conversas.

Resultados e Discussão

O evento é composto principalmente por: a) estudantes de Graduação dos cursos de Agronomia, Licenciatura e Educação do Campo (Licena), Nutrição, Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola e Ambiental, Ciências Biológicas, Geografia, História, Ciências Sociais, Economia Doméstica, Arquitetura e Urbanismo, Bioquímica; b) Pós-graduação, sobretudo, Agroecologia, Fitotecnia, Nutrição, Entomologia, Solos e Nutrição de Plantas, Química, Extensão Rural, Microbiologia Agrícola, Ecologia, Botânica; c) Professores da UFV; d) Comunidade não acadêmica, incluindo agricultores, estudantes do ensino fundamental e médio, integrantes de ONGs e movimentos sociais e profissionais autônomos.

Em média 40 pessoas participam do "Café com Agroecologia" e, frequentemente, averigua-se a presença de estudantes estrangeiros, a exemplo de México, Angola, Moçambique, Estados Unidos da América, Holanda, França, Colômbia, os quais têm destacado a importância da construção de espaços participativos possibilitando a socialização, a integração e a divulgação da Agroecologia (Figura 1).



Figura 1. Perfil do público participante do "Café com Agroecologia" no ano de 2015. *Comunidade não acadêmica inclui agricultores, estudantes do ensino fundamental e médio, integrantes de ONGs, movimentos sociais e profissionais autônomos.

Fonte:

Temas discutidos, experiências e reflexões teóricas

O primeiro encontro, “Práticas agroecológicas e alimentação saudável” teve como facilitador o agricultor Jesus Pereira, do Distrito de São José do Triunfo, Viçosa-MG. Houve a apresentação da proposta do evento, como espaço de discussão visando aproximar grupos e pessoas que trabalham com Agroecologia em suas distintas compreensões, enquanto prática, ciência ou movimento. Foi reforçada a importância do diálogo pela leitura do sociólogo Zygmunt Bauman: *“Conversar com pessoas parecidas conosco é fácil, elas estão preparadas para aplaudir o que dizemos, são agradáveis e, antes de a conversa começar, elas já nos entendem. Mas discutir assuntos com pessoas que possuem diferentes pontos de vista, dos quais não gostamos, negociar algum tipo de acordo e de compromisso, um modus vivendi com essas outras pessoas, isso é uma habilidade”* (BAUMAN, 2004; ALMEIDA, 2015). Ao longo do encontro o agricultor contou a sua trajetória de vida e a descoberta da Agroecologia, bem como a importância da união da família nesse processo. Sua propriedade funciona como berço para experimentação e novas ideias, onde estudantes de pós-graduação, docentes e técnicos desenvolvem ensino, pesquisa e extensão (SIEPEC, 2016). Destacou, ainda, as inovações práticas incorporadas em sua propriedade, como o uso de extratos vegetais (PEREIRA et al., 2015) com reorganização do sistema de produção de hortaliças, sem uso de adubos químicos e agrotóxicos. Apresentou as dificuldades com a falta de reconhecimento da qualidade de suas hortaliças no mercado local e relatou sobre a importância da Rede Raízes da Mata que trabalha com a valorização do trabalho do campo e auxílio na venda dos produtos. É reconhecidamente um agricultor experimentador (SILVA, 2005) que contribui para a pluralidade de ideais e auxilia na resolução de problemas em uma perspectiva pedagógica e interativa entre os agricultores e destes com o conhecimento científico.

O segundo encontro, “O papel da Agroecologia e Etnobotânica na segurança alimentar” contou com a presença do professor Reinaldo D. B. L. Teixeira da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Os participantes relataram algumas plantas que marcaram a infância, a exemplo do umbuzeiro, jaboticabeira, caneleira, mangueira, cafeeiro, dentre outras encontradas, principalmente, nos quintais das famílias. Foram apresentados alguns aspectos quantitativos e qualitativos da Etnobotânica e a importância de reconstruir valores na prática científica (p.ex. AMOROZO, 2002; DUQUE-BRASIL et al., 2012), sobretudo entender o outro como parceiro (sujeito do conhecimento) e não como objeto de pesquisa. As discussões envolveram, ainda, a importância do uso e o valor de plantas alimentícias não convencionais (PANC) e sua relação com a soberania, segurança alimentar e Agroecologia (MEDEIROS, 2015). Evidenciaram a importância de inserir cada vez mais a abordagem etnocientífica nos estudos em Agroecologia, visto o uso de instrumentos para a análise de fatores simbólicos dos sistemas agroalimentares.

O terceiro encontro, “Pesquisa em Agroecologia e homeopatia na Agricultura”, teve como facilitadora a professora Fernanda M. C. de Andrade do Departamento de Educação da UFV (DPE-UFV). A discussão foi iniciada com a seguinte pergunta: “O que é pesquisar?”. Em meio à discussão entre conhecimento acadêmico e cotidiano surgiu a seguinte pergunta: “O que motiva a geração do conhecimento acadêmico?” Outro ponto abordado no encontro foi a definição da palavra Agroecologia, a qual é rica em significados e interpretações (ver WEZEL et al., 2009; PRATES JÚNIOR et al., 2016). Algumas definições apresentadas foram: “Agroecologia é ciência, prática e movimento”; “uma agricultura que preserva o meio ambiente”; “uma forma alternativa de tratar os alimentos”; “é um fazer em prol do outro e da sociedade”; “trabalha a interação entre todos os elementos de um sistema, pois o todo é maior que a parte”; “difere da pesquisa convencional, que trabalha somente um fator isolado”. Foi destacada a necessidade de trabalhar com pesquisas participativas e aproximar a perspectiva acadêmica com os saberes dos agricultores, bem como a importância da homeopatia para a Agroecologia e Agricultura Orgânica (ANDRADE e CASALI, 2011) em termo de autonomia e uso de insumos locais. A abordagem abriu espaço para discutir sobre a autonomia das instituições científicas que não devem, sobretudo, atender aos interesses do mercado e do capital.

O quarto encontro, “Rede Raízes da Mata”, teve como facilitadoras Maysa da Mata Silveira e Isabela F. da Silva Ladeira, membros da Rede Raízes da Mata. Após o vídeo “Produção de alimentos e o superconsumo” – trecho do documentário Samsara – foi iniciado o Círculo de Cultura, exercício baseado na pedagogia de Paulo Freire (FREIRE, 1982; 1985; BARBOSA et al., 2013). Várias palavras foram citadas pelos participantes: “vida, industrialização, dependência, modernidade, rapidez, desequilíbrio, capitalismo, tempo, ganância, mercadoria, consumo inconsciente, saúde, obesidade, soberania, cuidar, degradação, ostentação, alimento, alternativa e mercado local”. O vídeo auxiliou no processo de reflexão e discussões sobre o atual modelo de produção e consumo. Foram discutidos

alguns caminhos para a mudança e apresentação do histórico da Rede Raízes da Mata (SILVEIRA, 2013). A Rede Raízes da Mata funciona com certificação participativa e solidária (CEPAGRO, 2013), aproximando agricultores e consumidores que optaram pela produção e consumo de alimentos mais saudáveis e produzidos de modo mais sustentável (p.ex. SANTOS e CHALUB-MARTINS, 2012). Torna-se evidente a importância de organizações de produtores que viabilizem oportunidades de mudanças nos padrões de consumo, favoreça a soberania, segurança alimentar e nutricional e minimize os impactos socioambientais de agroecossistemas.

O quinto encontro, “Metodologias participativas para a Agroecologia”, foi com o professor Felipe N. B. Simas do *Departamento de Educação da UFV (DPE-UFV)*. Houve breve apresentação do histórico das metodologias participativas, trabalhadas com povos da Floresta Amazônica e produtores rurais (VALE JÚNIOR et al., 2007; MATOS et al., 2014). A metodologia destacada foi o “Dragon Dreaming”, utilizada em projetos e ações colaborativas para o início e fechamento de ciclos de trabalho (DRAGON DREAMING, 2016). O “Círculo dos Sonhos” permitiu a cada participante falar sobre suas expectativas com o “Café com Agroecologia”, dentre as quais citaram: “que todos saíssem satisfeitos”; “compartilhar ideias”; “conviver com pessoas de outras áreas”; “ouvir os jovens”; “conhecer novas experiências e aplicá-las em sua região”; “saber o efeito das metodologias participativas nas pessoas”; “saber mais sobre Agroecologia”. Foram apresentados quatro pontos fundamentais da metodologia “Dragon Dreaming”: sonhar, planejar, realizar e celebrar. Na Caminhada do Conhecimento as pessoas conversaram sobre suas experiências negativas e positivas relacionadas à Agroecologia e, logo depois, algumas destas experiências foram compartilhadas com todos os participantes. A abordagem e discussões reforçaram a importância em desenvolver metodologias participativas, que insiram os agricultores como sujeitos participantes e não como objetos de pesquisa.

O sexto encontro, “O papel das Etnociências na Agroecologia e na Saúde Coletiva”, no dia 25 de junho de 2015, foi com a professora France M. G. Coelho do *Departamento de Extensão Rural da UFV (DER-UFV)*. Houve breve explicação sobre as características da Ciência (ver ALVES, 1981) e Etnociência, que busca entender e valorizar o conhecimento popular. Foi levantada a importância em “devolver” os resultados das pesquisas aos grupos ou comunidades envolvidas. A devolução deve estar inserida no Projeto ou Plano de Trabalho dos pesquisadores (COELHO e BOTELHO, 2009). Poeticamente falando seria “fazer uma ciência de carne e osso, para quem beber da mesma sentir seu gosto”. Foram apresentadas atividades bem-sucedidas de devolução dos resultados de pesquisa, a exemplo do Guardião de Sementes do Norte de Minas Gerais que pediu a organização de um catálogo com fotos, origem, características e recipientes para transporte das sementes, assim seria apresentável em encontros, cursos e aos visitantes de sua propriedade (PEREIRA, 2015). Discutiu-se a relação entre Etnociência e Saúde Coletiva, a qual difere da Saúde Pública, enquanto a primeira é considerada rede de apoio social existente nas comunidades, a segunda é um direito social de assistência prestado pelo Estado. O encontro revelou a necessidade de aproximar as ciências da nutrição da etnografia com o desenvolvimento de ações para melhorias da saúde de agricultores e consumidores, o que resulta em maior sustentabilidade do sistema agroalimentar.

O sétimo encontro, “Agricultura como lócus da promoção da saúde: um diálogo possível” teve como facilitadoras Naiara Sperandio, Laís Gusmão e Dayane Moraes do Departamento de Nutrição e Saúde (DNS-UFV), as quais discorreram sobre suas experiências na área da nutrição social (PRIORE et al., 2014). A discussão envolveu questões relacionadas à segurança e soberania alimentar e nutricional (SPERANDIO e PRIORE, 2015), o consumo de alimentos saudáveis e a função da Agroecologia no processo de formação de profissionais da área de saúde e no consumo consciente. Foi relatada a falta de políticas públicas a favor da nutrição social e como a mídia, muitas vezes, influência negativamente a população, incentivando o consumo de alimentos industrializados, incluindo o aumento do acesso e consumo de produtos industrializados pelas famílias rurais. Muitos agricultores familiares ainda desconhecem o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), os quais se configuram como pilares de políticas públicas importantes que devem ser ampliadas. A abordagem revelou a importância de transformar o conhecimento acadêmico em políticas públicas voltadas à Agroecologia, de modo a consolidar ações e estratégias que viabilizem a transformação social, a melhoria da saúde e a qualidade de vida.

O oitavo encontro, “Vivências com a agricultura familiar em Ruanda e Congo”, foi realizado juntamente à Quinta Agroecológica, evento organizado semanalmente pela Rede Raízes da Mata. Teve como facilitadora a estudante de Doutorado, Charlotte Johanna Klapwijk, holandesa, que realiza pesquisa em Ruanda e Congo. Foi apresentado o histórico dos dois países africanos que passaram por

forte conflito devido, principalmente, à exploração de minério e questões étnicas. Ambos conquistaram a independência da Bélgica em meados do século XX. A agricultura familiar tem grande importância econômica em Ruanda (UWIMANA et al., 2015) e as maiores propriedades têm cerca de 3 ha (ALI e DEININGER, 2015). Na República do Congo a agricultura familiar, também muito importante, possui influência feminina na adoção e uso de tecnologia (LAMBRECHT et al., 2015). Os solos dos dois países são férteis devido a atividades vulcânicas, mas tem degradação e erosão devido ao manejo inadequado do solo (NAHAYO et al., 2016). O relevo de Ruanda é montanhoso, assim, o uso de terraços é obrigatório e o solo frequentemente é recoberto, com incentivos para a criação de gado e a produção de forragem (KARAMAGE et al., 2016; KARAGIANNIS-VOULES et al., 2015). No Congo as leis são menos rigorosas e o índice de desigualdade social é maior, o que resulta em uma maior violência (RAMOS e FERREIRA, 2016). Foram apresentadas fotografias das atividades desenvolvidas com os agricultores, assim o público observou e discutiu detalhes da paisagem dos dois países. O encontro revelou semelhanças entre a agricultura desenvolvida em países da África e América Latina, com a necessidade de desenvolver agroecossistemas que garantam soberania, segurança alimentar e nutricional, produção e renda aos agricultores e manutenção dos bens naturais, a exemplo da qualidade da água, biodiversidade e fertilidade do solo.

O nono encontro, com o tema “Uso de Homeopatia e Micro-organismos Eficientes (EM) na Agropecuária e na Educação do Campo”, foi conduzido pela agricultora e professora de Escola Rural em Muriaé-MG, Regina A. de Figueiredo Santos. Foram descritas as experiências do uso da homeopatia no cultivo de hortaliças e criação animal, juntamente ao EM, os quais são normalmente obtidos em fragmentos de mata utilizando isca a base de arroz cozido, seguido por fermentação em melaço de cana-de-açúcar (BONFIM et al., 2011). Estes micro-organismos podem acelerar a decomposição da matéria orgânica e aumentar a disponibilidade de nutrientes. Após a longa experiência e experimentação com EM e homeopatia em sua propriedade, Regina passou a usar essas práticas em atividades pedagógicas na Escola Rural onde leciona, havendo o envolvimento das famílias da comunidade na realização das atividades (SANTOS e SANTOS, 2016). O encontro demonstrou a importância da popularização da Agroecologia no espaço escolar, de modo a democratizar o conhecimento acadêmico e construir uma visão crítica sobre resultados de pesquisas e tecnologias geradas, conduzindo à formação de cidadãos conscientes.

O décimo encontro, com o tema “Agroecologia: conflitos socioambientais e reforma agrária”, foi conduzido pelo professor Marcelo L. R. de Oliveira do Departamento de Extensão Rural (DER-UFV). Assumiu-se a premissa que o Brasil e o mundo vivem um momento delicado de crise ambiental, sendo as causas dessa crise intrínsecas à história do país e ao modelo político nele estabelecido. Foi exposta a história da Revolução Verde no Brasil, com aumento da produtividade pelo uso de compostos petroquímicos e adubos minerais importados, sendo atualmente o país que mais utiliza agrotóxicos no planeta (MMA, 2016). O conhecimento dos povos indígenas e outros conhecimentos tradicionais foram desvalorizados e, embora a Agroecologia e metodologias participativas tenham ganhado espaço (OLIVEIRA, 2015), muitas políticas governamentais de extensão rural foram equivocadas. Por exemplo, o Nordeste tem o maior número de agricultores familiares, contudo, foi a região que menos recebeu investimentos. Foi destacado também os fatores históricos da concentração de terras que remonta ao período colonial (JONES, 2003) e problemas ambientais que ocorrem na Zona da Mata Mineira (FONSECA et al., 2015), incluindo a UFV, com a mobilização da comunidade acadêmica na “Campanha Pelas Águas e Não ao Mineroduto da Ferrous”. Após brincadeiras com a criação da disciplina “Sociologia do Apocalipse” foi discutida a importância da organização e mobilização popular para mudar o cenário. A Agroecologia strictu sensu pode estabelecer aproximações com movimentos socioculturais e políticos na tentativa de avançar para maiores níveis de sustentabilidade.

O décimo primeiro encontro, com o tema “Epigenética e qualidade de vida”, foi conduzido pelo professor Vicente W. D. Casali do Departamento de Fitotecnia (DFT-UFV), e as estudantes de pós-graduação Adalgisa Pereira, Iná Reis, Steliane Coelho e Anna Carvalho, organizado como parte da programação do IV Simpósio da Pós-graduação em Agroecologia (SIMPA-UFV). A epigenética ganhou destaque, inicialmente, em nível celular, na observação em níveis de investigação de células vegetais e animais. Atualmente as pesquisas incluem questões de natureza ética, nutrição materna, saúde, comportamento humano e animal (p.ex. RICHARDS, 2011; PIKAARD e SCHEID, 2014). Foi reconhecido que o centrismo gênico perdeu espaço em relação a outros mecanismos que controlam aspectos da hereditariedade, com destaque a metilação do DNA, mudança nas histonas e atividade de pequenos RNA de interferência. A epigenética revela a influência do ambiente nos componentes

genéticos (COSTA e PACHECO, 2013). Exemplos do efeito do ambiente podem ser encontrados em disruptores endócrinos, como o bisfenol, no ar poluído, em poluentes orgânicos, radiação, etc. Esses elementos promovem alterações no DNA que podem ser transmitidas às novas gerações. O encontro foi oportuno para divulgar que hábitos como a alimentação e o ambiente sociocultural podem influenciar o funcionamento de genes. Assim, a segurança alimentar e nutricional priorizada pela Agroecologia ganha espaço na discussão sobre qualidade de vida e saúde pública.

O décimo segundo encontro, teve como tema o “Ano Internacional dos Solos” e foi conduzido pela professora Cristine Carole Muggler do Departamento de Solos e Nutrição de Plantas (DPS-UFV) em comemoração ao Ano Internacional dos Solos, decretado pela ONU (Organização das Nações Unidas) para mobilizar a comunidade científica e a sociedade em geral quanto a importância dos solos na produção agropecuária e manutenção da vida no planeta. Trata-se de ampliar a Educação em Solos, com maior percepção pública da importância do solo (MUGGLER et al., 2006; CIRINO et al., 2015). Alguns questionamentos foram “O que é solo?”, “Onde eles estão?”, “Como se formam?”, “O que os distingue?”. A relação entre o solo e vida foi enfatizada, bem como as inúmeras funções ou serviços ecossistêmicos, dentre as quais, seqüestro de CO₂, suporte e fonte de nutrientes das plantas, armazenamento e filtragem de água. A degradação do solo conduz a perda de biodiversidade e, conseqüentemente, acarreta a perda de funções. A Agroecologia viabiliza cuidados com o solo, a exemplo temos as mudanças e melhorias no município de Araponga/MG, onde muitos agricultores compraram terras degradadas e foram capazes de recuperar por meio de práticas agroecológicas (DUARTE et al., 2008). É preciso reconhecer que a biodiversidade do solo e práticas agroecológicas fornecem benefícios diretos e indiretos para a saúde humana (WALL et al., 2015), levando a necessidade de ampliar o manejo sustentável, a multiplicação e a conscientização do papel fundamental do solo para a sustentabilidade.

Desafios e perspectivas

Destaca-se a dificuldade em manter o ambiente do encontro agradável a todos os públicos, a fim de aproximar as pessoas da construção coletiva dos diversos tipos de conhecimento e atuar como uma alternativa promissora para a popularização da Agroecologia.

Outro desafio é inserir diferentes representantes da comunidade não acadêmica, incluindo o poder público, como as prefeituras, câmara de vereadores, associações etc., nas discussões de incentivo, valorização e visibilidade da agricultura familiar local. O estímulo à cultura alimentar tradicional não pode ser deixado de lado, uma vez que há memória cultural na escolha, preparo e consumo de alimentos.

Ampliar as atividades de extensão e pesquisa para além do público não acadêmico e espaços já consagrados é importante para fortalecer o caráter aberto e social que o evento possui, sobretudo em escolas da rede pública de ensino municipal, estadual e escolas rurais da região de Viçosa.

É importante evidenciar as discussões sobre agrobiodiversidade e valorização cultural dos alimentos, com ampliação do espaço dedicado ao preparo deles durante a realização do café, demonstrando as práticas e trazendo para próximo dos participantes a realidade de uso do alimento, além de ajudar a manter a atmosfera segura, convidativa, livre e hospitaleira do encontro.

Existem perspectivas sobre o uso de meios de comunicação, como emissoras de rádio e televisão locais, na tentativa de alcançar maior participação da comunidade não acadêmica nos encontros do “Café com Agroecologia”, que se configura como um desafio importante para participação da comunidade não acadêmica.

Conclusões

Espera-se influenciar iniciativas científicas, metodológicas, tecnológicas ou sociais relacionadas com a Agroecologia, com discussões estimulantes para reflexão, engajamento e comprometimento com os problemas dos sistemas agroalimentares. Há expectativas de favorecer a democratização do conhecimento sobre Agroecologia e áreas afins, com a valorização do conhecimento popular, de modo a contribuir com a troca de saberes e aproximação de grupos e pessoas, visando a produção do conhecimento acerca da Agroecologia e também de promover a extensão e difusão do conhecimento sobre experiências e iniciativas em Agroecologia, os resultados de iniciativas de agricultores, técnicos, pesquisadores ou da sociedade civil. Favorece a formação em Agroecologia e na atuação do profissional egresso junto a essas iniciativas. Cabe a ressalva que as discussões fomentadas no “Café com

Agroecologia” podem motivar outras iniciativas, visto o modelo dinâmico e reflexivo da proposta sobre a Agroecologia e temas afins. Neste caso, os participantes podem atuar como multiplicadores das reflexões e propostas levantadas nos encontros.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Programa de Pós-graduação em Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa e, também, aos facilitadores, público presente e agricultores familiares pelo cultivo, fornecimento, cuidado e preparo dos alimentos servidos nos encontros.

REFERÊNCIAS

- ALI, D. A.; DEININGER, K. Is There a Farm Size-Productivity Relationship in African Agriculture? Evidence from Rwanda. *Land Economics*, v. 91, n. 2, p. 317-343, 2015.
- ALMEIDA, N. Zygmunt Bauman: Comunicação Líquida. *Revista Comunicação Empresarial*, 26 jan. 2015. Entrevista. Disponível em: <<http://www.fronteras.com/entrevistas/zygmunt-bauman-comunicacao-liquida-1424952791>>. Acesso em: 23 out. 2016.
- ALVES, R. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. Editora Brasiliense, 1981, 176p.
- ASCOM UFAL, Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Alagoas, 2016. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/noticias/2016/11/cafe-com-agroecologia-promove-edicao-especial-nesta-quinta-feira>>. Acesso em: 19 jan.2017.
- AMOROZO, M.C.M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U.P. (Org.). *Atualidades em etnobiologia e etnoecologia*. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, p.123-131. 2002.
- ANDRADE, F. M. C.; CASALI, V. W. D. Homeopatia, agroecologia e sustentabilidade. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 6 (1): 49-56, 2011.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BARBOSA, W. A. et al. Programa Teia: Trocando Saberes e Reinventando a Universidade. *Agriculturas*, v. 10, n. 3, 2013.
- BONFIM, F. P. G. et al. *Caderno dos Microrganismos Eficientes*. 2011. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Cartilha). Disponível em: <<http://estaticog1.globo.com/2014/04/16/caderno-dos-microrganismos-eficientes.pdf>>. Acesso em: 7 ago.2016.
- CAFÉ CIENTÍFICO SSA, 2015. Disponível em: <<http://cafecientificossa.blogspot.com.br/>> Acesso em:8 ago.2016.
- CAFÉ COM AGROECOLOGIA, 2016. Disponível em: <http://www.posagroecologia.ufv.br/?page_id=940>. Acesso em: 8 ago.2016.
- CAFÉ FILOSÓFICO, 2015. Disponível em: <<http://cafefilosoficoufv.wordpress.com/>>. Acesso em: 8 ago.2016.
- CEPAGRO, Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo. *Certificação Participativa de Alimentos Agroecológicos*. Cartilha, 2013. Disponível em: <<http://www.iaf.gov/home/showdocument?id=420>>. Acesso em: 8 ago.2016.
- CIRINO, F. O. et al. Sistematização participativa de cursos de capacitação em solos para professores da educação básica. *Terra e Didática*, 11-1, 2015.
- COELHO, F. M. G.; BOTELHO, M. I. V. Memória, terra, dissensões e identidade: as duras penas de uma conquista. *Revista de Artes e Humanidades*, n.4, 2009.
- COSTA, E. B. O.; PACHECO, C. Epigenética: regulação da expressão gênica em nível transcricional e suas implicações. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 34, n. 2, p. 125-136, jul./dez. 2013.

- de PAULA, E.; LARA, T. A. O Café Filosófico como possibilidade de refletir a sociedade. *Metáfora*, n 13, 2011.
- DRAGON DREAMING, 2016. Disponível em: <<http://www.dragondreamingbr.org/portal/>>. Acesso em: 7 ago.2016.
- DUARTE, E. M. G. et al. Terra Forte. *Agriculturas*, v.5, n.3, 2008.
- DUQUE-BRASIL, R. et al. Composição, uso e conservação de espécies arbóreas em quintais de agricultores familiares na região da mata seca norte-mineira, Brasil. *Sitientibus*, 11 (2), 287-297, 2012.
- FONSECA, B. C. et al. Análise do estudo de caso da comunidade rural de São Sebastião do soberbo, atingida pela UHE Risoleta Neves, sob a perspectiva dos conflitos, das ideias e dos argumentos. *Revista Geográfica Acadêmica*, v.9, n.1, 2015.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. 16ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- GRAN, A. Café Científico. *Science Progress*, v. 97, n. 3, 275-278, 2014.
- GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v.14, n.50, p.27-38, 2006.
- JONES, A. S. *O mito da legalidade do latifúndio: legalidade e grilagem no processo de ocupação das terras brasileiras (do instituto de sesmarias ao estatuto da terra)*. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/images/stories/observanordeste/politicafundiaria.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- KARAGIANNIS-VOULES, D. A. et al. Spatial and temporal distribution of soil-transmitted helminth infection in sub-Saharan Africa: a systematic review and geostatistical meta-analysis. *The Lancet Infectious Diseases*, v. 15, n. 1, p. 74-84, 2015.
- KARAMAGE, F. et al. Extent of Cropland and Related Soil Erosion Risk in Rwanda. *Sustainability*, v. 8, n. 7, p. 609, 2016.
- LAMBRECHT, I. et al. Agricultural extension in Eastern Democratic Republic of Congo: does gender matter? *European Review of Agricultural Economics*, p. jbv039, 2015.
- MATOS, L. V. et al. O conhecimento local e a etnopedologia no estudo dos agroecossistemas da comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos. *Sociedade e Natureza*, v.26, p. 497-510, 2014.
- MAZOYER, M.; ROUDART L. *História das Agriculturas do Mundo: do neolítico à crise contemporânea*. Tradução Cláudia F. Falluh e Balduino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010. 568p.
- MEDEIROS, N. S. *Quintais urbanos e a situação de (in) segurança alimentar de famílias beneficiárias do programa bolsa família, no município de Viçosa*. 2015. 130 p. Dissertação (Mestrado em Agroecologia), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.
- MESTRADO EM AGROECOLOGIA UFV, 2016. Disponível em: <<http://www.posagroecologia.ufv.br/>>. Acesso em: 8 ago.2016.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente. *Agrotóxicos*. 2016. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/seguranca-quimica/agrotoxicos>>. Acesso em: 27 ago.2016.
- MUGGLER, C. C. et al. A. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, 30:733-740, 2006.
- NAHAYO, L. et al. Agricultural impact on environment and counter measures in Rwanda. *African Journal of Agricultural Research*, v. 11, n. 25, p. 2205-2212, 2016.
- NOVOS E VELHOS SABERES, 2015. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/novosevelhossaberes/>>. Acesso em: 8 ago.2016.

- OLIVEIRA, M. L. R. Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais. *Em Extensão*, Uberlândia, v. 14, n. 1, p.30-51, 20
- PEREIRA, A. J. et al. Efeito dos componentes da calda de piteira (*Agave americana*) no controle de afídeos (*Brevicory brassicae*) em cultivos de couve (*Brassica oleracea*). *Cadernos de Agroecologia*, v.10, n.3, 2015.
- PEREIRA, S. P. *Agrobiodiversidade e soberania alimentar no Norte de Minas Gerais*. 2015. 127 p. Monografia, Ciências Biológicas, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.
- PIKAARD, C. S.; SCHEID, O. M. Epigenetic Regulation in Plants. *Cold Spring Harbor Perspectives in Biology*, 2014.
- PRATES JÚNIOR, P. et al. Agroecologia: reflexões teóricas e epistemológicas. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 11, n. 3, 2016.
- PRIORE, S. E. et al. *Nutrição social*. Viçosa, MG: UFV, 2014, 156P.
- RAMOS, A. T.; FERREIRA, M. T. Educação ambiental entre práticas culturais cotidianas dos mascarados do congo. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 1, n. 3, p. 437-455, 2016.
- RICHARDS, E. J. Natural epigenetic variation in plant species: A view from the field. *Current Opinion in Plant Biology*, 14: 204-209, 2011.
- ROCHA, P. L. B. et al. Extensão como filosofia para o preenchimento da lacuna pesquisa-aplicação na Universidade. *Caititu*, v.1, n.1, 2013.
- SANTOS, F. P.; CHALUB-MARTINS, L. Agroecologia, consumo sustentável e aprendizado coletivo no Brasil. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n.2, p.469-483, 2012.
- SANTOS, L. F.; SANTOS, R. A. F. Horta viva: além dos muros da escola. *Revista: Elo - Diálogos em Extensão*, v. 5, n. 1, 2016.
- SIEPEC, Sítio Escola Peão Cascalho. Disponível em: <<http://www.siepec.com.br/>>. Acesso em: 12 dez.2016.
- SILVA, A. D. Agroecologia na opinião de um agricultor. *Ação Ambiental*, n 31., 2005.
- SILVEIRA, M. M. *Possibilidades de envolvimento da agricultura familiar através dos circuitos curtos de comercialização: a experiência da rede de produtos agroecológicos e locais "Raízes da Mata"*. 2013. 65 p. Monografia, Curso de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.
- SPERANDIO, N; PRIORE, S. E. Prevalence of household food insecurity and associated factors among Bolsa Família Program families with preschool children in Viçosa, Minas Gerais State, Brazil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24 (4), 2015.
- UWIMANA, E. et al. The Impact of Agricultural Extension Services Delivery on Farmer Livelihood Empowerment in Rwanda; Evidence from the Land Use Consolidation Policy (Crop Intensification Programme) Case Study Muhoza Sector Musanze District. *The International Journal of Business e Management*, v. 3, n. 10, p. 182, 2015.
- VALE JÚNIOR, J. F. et al. Etnopedologia e transferência de conhecimento: diálogo entre os saberes indígenas e técnico na terra indígena Malacacheta, Roraima. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*. v.31, n.2, p. 403-412, 2007.
- WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement, and a practice. *Agronomy for Sustainable Development*. v.29, p.503-51 5, 2009.
- WALL, D. et al. Soil biodiversity and human health. *Nature*, v. 528, p. 69-76, 2015.

Recebido para publicação em 1º/8/2017 e aprovado em 24/10/2017.